

PROCEDIMENTOS DE GESTÃO DA SALA DE AULA DE PROFESSORES DE
ESCOLAS PÚBLICAS

PUBLIC SCHOOL TEACHERS' CLASSROOM MANAGEMENT PROCEEDINGS

Fábio Luiz da Silva¹
Fabiane Taís Muzardo²
Leila Rocha da Fonseca³
Henrique Soares Bragamonte⁴

RESUMO: O presente artigo realiza uma análise comparativa entre as práticas de gestão em sala de aula de professores de quatro realidades socioculturais diferentes: Brasil, Nova Zelândia, Grécia e Estados Unidos. O formulário aplicado divide-se em duas partes: inicialmente, os professores deveriam assinalar quais suas ações quando ocorre indisciplina em sala de aula; em sequência, deveriam se posicionar quanto às medidas tomadas quando a situação de indisciplina de mantém. Apesar de muitos pontos semelhantes, os resultados apontam que parte das ações praticadas pelos professores brasileiros pode ligar-se à pequena autoridade em sala de aula que os eles possuem na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: gestão da sala de aula; indisciplina; autoridade do professor; ensino.

ABSTRACT: This article makes a comparative analysis of teachers' classroom management practices in four different sociocultural realities: Brazil, New Zealand, Greece and the united states. The applied form is divided into two parts: first, teaches should point out which actions were taken when lack of discipline occurred in the classroom; following this, they should position themselves in relation to the measures taken when the situation of indiscipline remained. Although many similar points are present, the results indicate that some of the action taken by Brazilian teachers may be connected to the actual little authority in the classroom they hold today.

KEYWORDS: classroom management; indiscipline; teacher authority; teaching.

1 INTRODUÇÃO

Professores de todos os lugares do mundo tem desafios semelhantes no que se refere aos procedimentos de gestão da sala de aula, assim como ao longo da história muitas foram as questões que precisaram ser respondidas pelos professores por meio de ações que permitissem a eles ensinar o que precisava ser ensinado. Quando Comenius (1887 [1685]), no século XVII, descreveu uma

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor do Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Unopar. Professor do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Londrina. fls.londrina@yahoo.com.br

² Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora de História Moderna na Unopar. biumuzardo@yahoo.com.br

³ Graduada em História pela Unopar. Aluna de Iniciação Científica vinculada ao Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias. soaresleilarf@gmail.com

⁴ Graduando em História pela Unopar. Aluno de Iniciação Científica vinculada ao Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias. henriquebragamonte@gmail.com

sala de aula, teve o cuidado de elencar como características desse espaço alunos negligentes e petulantes que deveriam ser castigados com uma vara de metal. O professor retratado por Comenius tinha ao menos um ponto em comum com os docentes de nossos dias. Os procedimentos podem variar, mas a questão permanece: como conseguir as condições para que o professor possa ensinar?

A principal problemática que surge quando pensamos na gestão da sala de aula é a indisciplina. Diante do comportamento perturbador dos alunos em sala de aula, os professores reagem de diferentes formas. Se, no passado, o uso da violência física era aceitável, hoje os professores devem buscar outros procedimentos que possam ser utilizados pelos professores. Soares (2004) afirma que o aprendizado dos alunos é fortemente influenciado pelo professor, ou seja, pelos seus conhecimentos, seu envolvimento e pela forma como conduz as atividades em sala de aula. Amparando-se em Gauthier *et al* (1998), Soares (2004) divide essas atividades em dois tipos, a gestão da matéria e a gestão da sala de aula. Assim, não basta os saberes disciplinares – apesar de fundamentais -, é preciso a “[...] capacidade de produzir um ambiente adequado ao aprendizado, habilidade tradicionalmente chamada de manejo de classe” (SOARES, 2004, p. 92).

Aquilo que comporta a expressão “manejo de classe” pode ser melhor descrito como a gestão da sala de aula. Silva (2016), realizou uma revisão da literatura brasileira a respeito da gestão da sala de aula e concluiu que há um aumento do interesse no uso desse conceito que, segundo esse autor, já se encontra mais consolidado no campo educacional estadunidense. Brophy (2011) define a gestão da sala de aula como sendo as medidas tomadas pelo professor para “[...] criar e manter um ambiente de aprendizagem propício para o ensino eficaz (organizar o ambiente físico, estabelecer regras e procedimentos, manter a atenção dos alunos nas aulas e engajá-los nas atividades)” (p. 17). Gauthier *et al* (1998) enfatiza que a gestão da sala de aula deve manter um ambiente favorável tanto ao ensino quanto à aprendizagem. Os estudos internacionais têm destacado a existência de duas dimensões nessa ação de “criar e manter” um ambiente propício ao ensino e à aprendizagem. A gestão da sala de aula diz respeito às estratégias preventivas e às estratégias reativas em relação ao comportamento dos alunos. Segundo Korpershoek *et al* (2016), o estabelecimento de regras e procedimentos para a manutenção de relações favoráveis entre o professor e os alunos pode ser considerado uma estratégia preventiva e as intervenções disciplinares como chamar atenção ou punir os alunos são entendidas como estratégias reativas.

Akin-Little, Little e Laniti (2007) realizaram pesquisa com professores estadunidenses (n=149) e gregos (n=97), comparando os procedimentos de gestão da sala de aula adotados nos dois países. Entre os dados coletados estão aqueles relacionados à reação dos professores diante do comportamento perturbador dos alunos e da continuidade desse comportamento inadequado.

Os resultados foram bastante semelhantes em ambos os países. Segundo esses autores, ausência de diferenças significativas entre professores gregos e estadunidenses pode ser explicada pela grande influência da psicologia escolar de origem estadunidense na Grécia. Nasey (2012), utilizando o mesmo instrumento de Akin-Little, Little e Laniti (2007), realizou pesquisa com professores da Nova Zelândia (n=53) e encontrou, novamente, resultados muito semelhantes aos dos Estados Unidos e da Grécia.

No Brasil, segundo o levantamento realizado por Silva (2016), grande parte das pesquisas a esse respeito ganham um tom de denúncia e que consideram “[...] as ações disciplinares de professores como vestígios, sinais de uma pedagogia atrasada, equivocada, rastros de um passado que já deveríamos ter superado” (SILVA, 2016, p. 534). Esse tipo de abordagem, segundo Silva (2016), olha com reprovação qualquer manifestação de autoridade em sala de aula, como se fosse possível um ambiente livre de conflitos e que a pura motivação pelo saber bastasse para estabelecer um ambiente propício para o ensino e a aprendizagem. Por isso a necessidade de pesquisas que ofereçam dados empíricos que possam embasar reflexões teóricas capazes de auxiliar os professores em sua prática cotidiana. Soares (2007) já enfatizava a necessidade de serem realizadas, no Brasil, mais pesquisas empíricas que fundamentem o planejamento das intervenções escolares. Considerando correta esse raciocínio é que essa pesquisa foi realizada. Assim, o objetivo desse artigo é apresentar alguns dos procedimentos utilizados pelos professores no sentido de gerenciarem o comportamento de seus alunos em sala de aula, comparando-os com aqueles revelados em pesquisas internacionais.

2 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de campo do tipo quantitativa, que procurou descrever os procedimentos adotados por professores como parte das estratégias de gestão da sala de aula. A apresentação da intenção de pesquisa aos professores gerou grande interesse, provavelmente em virtude da cotidiana indisciplina dos alunos em sala de aula. Foram pesquisados 15 professores que lecionam em uma escola da rede pública de ensino, localizada na cidade de Abatiá-PR e 7 professores também de uma escola pública da cidade de Alegrete-RS, totalizando 22 professores. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar da pesquisa. Os dados foram coletados durante a hora atividade desses professores. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado parte do questionário aplicado por Akin-Little, Little e Laniti (2007) a professores da Grécia e dos Estados Unidos e por Nasey (2012) a professores da Nova Zelândia. Para esse estudo, apenas as estratégias reativas foram levantadas e

foram divididas, no instrumento de pesquisa, em dois grupos: as estratégias de resposta ao comportamento inadequado dos alunos em sala de aula e as estratégias de resposta à continuidade do comportamento inadequado em sala de aula.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa revelam algumas similaridades e algumas diferenças em relação aos dados levantados internacionalmente. O quadro 1 apresenta os resultados para as respostas dos professores aos comportamentos inadequados dos alunos em sala de aula.

Quadro 1 - Resposta ao comportamento inadequado em sala de aula

	Grécia (%)	EUA (%)	Nova Zelândia (%)	Brasil (%)
Faz uma reprimenda oral ao aluno	74	83	93	86
Olha com desaprovação para o aluno	72	80	77	32
Movimenta-se para perto do aluno	75	83	64	45
Escreve o nome do aluno em um registro	22	25	42	59
Ignora o comportamento indisciplinado	30	33	40	05
Ignora o comportamento indisciplinado e reconhece o bom comportamento de outro aluno	48	55	79	05

Fonte: dados da pesquisa

Foi possível observar que a reprimenda oral foi a estratégia que apresentou maior similaridade entre as quatro pesquisas. As estratégias com maiores diferenças foram aquelas que indicam os professores brasileiros pesquisados não costumam simplesmente ignorar o comportamento indisciplinado, nem se utilizam dessa estratégia em conjunto com o elogio ao bom comportamento de outro aluno. Assim como sugerem Akin-Little, Little e Laniti (2007), esse tipo de reação por parte dos professores pode estar servindo como reforço positivo para o comportamento inapropriado, na medida em que fornece a atenção que o aluno está inconscientemente solicitando. Weinstein e Novodvorsky (2015) indicam que a não intervenção deliberada pode ser a melhor estratégia, especialmente se o comportamento inadequado for breve e discreto.

As outras três estratégias apresentaram diferenças menores, porém significativas. No caso do “olhar com desaprovação para o aluno”, apenas 32% dos professores brasileiros pesquisados afirmaram utilizar-se dessa estratégia, sendo que nos três outros países esse resultado superior a 70%. Movimentar-se para perto do aluno que apresenta comportamento inadequado foi estratégia

apontada por 45% dos professores brasileiros pesquisados, menos que nos outros três países. Para Gauthier *et al* (1998), que fizeram ampla revisão das pesquisas respeito da gestão da sala de aula, os professores eficientes são justamente aqueles que se utilizam de sinais não-verbais e não-obstrutores, como contato direto com os olhos e proximidade. Mesmo quando fazem interferências verbais, elas são simples e diretas (GAUTHIER *et al*, 1998). Weinstein e Novodvorsky (2015) também indicam que o olhar do professor e a sua movimentação para próximo do aluno são exemplos de intervenção não verbal discreta, que indicam aos alunos a atenção do professor. Além disso, esse tipo de estratégia incentiva “[...] os alunos a assumir a responsabilidade por retornar à tarefa” (WEINSTEIN; NOVODVORSKY, 2015, p. 296). Esse tipo de ação permite ao professor lidar com o comportamento inadequado sem distrair os demais alunos, preservando o ritmo do ensino.

Porém, em relação à estratégia de registrar o nome do aluno indisciplinado em algum tipo de registro, o resultado brasileiro foi superior aos demais. Nesse caso, 59% dos professores brasileiros pesquisados afirmaram usar essa estratégia quando estão diante de um comportamento inadequado. No caso da Grécia e dos Estados Unidos, o resultado foi inferior, 22% e 25% respectivamente, e no caso da Nova Zelândia, 42%. Talvez a crise da autoridade (SOARES, 2012) (CARVALHO, 2015) dos professores em sala de aula explique essa tendência de registrar os casos de comportamento inapropriado em sala de aula. Agindo dessa forma, os professores podem estar desejando se resguardar de questionamentos futuros, seja da família, seja da equipe diretiva da escola.

Quando os alunos continuam a apresentar um comportamento inadequado, os professores costumam tomar outras atitudes, ou seja, a persistência dos alunos na indisciplina gera nos professores a necessidade de estratégias mais “duras” com o objetivo de manter o controle da turma. O quadro 2 revela os resultados para as estratégias adotadas pelos professores pesquisados quando os alunos continuam com o comportamento inadequado, mesmo depois de terem sido utilizadas as estratégias anteriormente citadas.

Quadro 2 - **Resposta à continuidade do comportamento inadequado em sala de aula**

	Grécia (%)	EUA (%)	Nova Zelândia (%)	Brasil (%)
Indica trabalho extra	16	10	19	14
Retira do aluno algum benefício	67	63	57	14
Retira o aluno de sala de aula para o corredor ou pátio	29	39	45	10

Envia o aluno para a diretoria ou para a sala da pedagogia	53	56	36	77
Envia recado aos pais	53	62	43	68

Fonte: Dados da Pesquisa

Nesse caso, também houve similaridades de diferenças. As estratégias que apresentaram maior igualdade foram: “indica trabalho extra”, que nos quatro países o resultado ficou abaixo de 20%; “envia o aluno para a diretoria ou para a sala da pedagogia” - apontada como estratégia utilizada por 77% dos professores brasileiros pesquisados - e “envia recado aos pais”, que obteve 68% das escolhas. Mesmo nesses casos, porém, os resultados brasileiros apontam que os professores investigados utilizam-se mais dessas estratégias do que seus colegas estrangeiros. Destaca-se a diferença entre o Brasil e a Nova Zelândia no uso da estratégia de enviar o aluno indisciplinado para o diretor ou para a pedagogia, 77% e 36%, respectivamente. Weinstein e Novodvorsky (2015) alertam para a necessidade de recorrer-se a esse tipo de estratégia apenas quando as perturbações forem graves, pois pode ocorrer que os alunos consigam justamente o que desejam: ficar fora da sala de aula. De maneira semelhante à estratégia já citada, de anotar os casos de indisciplina em algum tipo de documento, a tendência dos professores pesquisados em enviar os alunos para a diretoria ou equipe pedagógica e comunicar os pais a respeito dos problemas de comportamento dos filhos pode sinalizar mais uma vez a crise da autoridade dos professores. As maiores diferenças foram apresentadas pelas estratégias: “retira do aluno algum benefício” e “retira o aluno de sala para o corredor ou pátio”. Em ambos os casos, os professores brasileiros pesquisados indicaram que utilizam pouco dessas estratégias. No primeiro caso, o resultado brasileiro foi de 14%, enquanto nos demais países foi superior a 50%. Provavelmente, existam poucos benefícios que possam ser retirados dos alunos pelos professores sem que tal atitude gere mais problemas ainda para o docente. No segundo caso, o resultado brasileiro foi menor ainda, 10%, e o resultado médio dos outros países foi de 37,6%. Talvez os professores prefiram, ao retirar o aluno de sala de aula, enviá-los para a diretoria ou setor pedagógico em razão da perturbação que alunos fora de sala possam causar aos demais professores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Gauthier *et al* (1998), as habilidades de gestão da sala de aula estão relacionadas aos ganhos de aprendizagem dos alunos, pois maximizam o empenho deles em suas tarefas, o que significa que bons gestores da classe tendem a ser bons professores também e vice-versa. Isso porque os professores com grandes habilidades de gestão da sala de aula tomam medidas preventivas que diminuem a frequência dos comportamentos inadequados. Esses professores

procuram utilizar a maior parte do tempo da aula com o conhecimento a ser ensinado, utilizando-se de estratégias para que seus alunos realmente aprendam o conteúdo ensinado. Korpershoek *et al* (2016) realizando uma revisão das pesquisas sobre os efeitos da gestão da sala de aula nos resultados acadêmicos, comportamentais, emocionais e motivacionais dos alunos e afirmam que uma boa gestão da sala de aula é condição prévia para o ensino eficaz, para a aprendizagem dos alunos. Para esses pesquisadores, isso provavelmente ocorre porque melhores práticas de gestão aumentam o tempo dedicado ao ensino, criando mais oportunidades de aprendizagem.

Apenas com os dados coletados nos Estados Unidos, Grécia, Nova Zelândia e Brasil é impossível afirmar em qual deles os professores realizam a melhor gestão da sala de aula. O que podemos asseverar é que em todos eles existem problemas de indisciplina e que, mais ou menos intensamente, os professores tendem a adotar estratégias de gestão de sala de aula que permitam a eles ensinar. No Brasil, no entanto, a questão da indisciplina e da gestão da sala de aula possui dimensões bastante preocupantes. Moriconi e Bélanger (2015) analisando os resultados da *Teaching and Learning International Survey* (TALIS), de 2013, concluíram que professores do Brasil, do Chile e do México revelaram ter elevada porcentagem de problemas comportamentais em suas aulas – especialmente os professores brasileiros, que afirmaram gastar muito tempo para conseguir manter a ordem em sala de aula. Para esses autores, além da redução do tempo de ensino do conteúdo, essa situação dificulta a retenção e a capacitação dos professores. Por isso, pesquisas como essa que apresentamos nesse artigo, mesmo que de tamanho reduzido, são importantes para fomentar novos estudos e reflexões a respeito desse tema, de maneira que se construa um conjunto de conhecimentos teoricamente fundamentados e realmente úteis para orientar os professores em seu trabalho cotidiano.

REFERÊNCIAS

- AKIN-LITTLE, K. Angeleque; LITTLE, Steven G.; LANITI, Mariana. Teachers' use of classroom management procedures in the United States and Greece: a cross-cultural comparison. In: *School Psychology International*, v. 28, fev., 2007, p. 53-62.
- BROPHY, Jere. History of research on classroom management. In: EVERTSON, Carolyn M.; WEINSTEIN, Carol. *Handbook of classroom management: research, practice and contemporary issues*.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Autoridade e educação: o desafio em face do ocaso da tradição. In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 20, n. 63, out./dez., 2015, p. 975-993. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-0975.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2016.
- COMENIUS, J. A. (1887) [1685] *The Orbis Sensualim Pictus*. New York: C.W.Bardeen Publisher, 1887 [1685]. New York/London: Routledge, 2011.

GAUTHIER, C. *et al.* *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

KORPERSHOEK, Hanke. A Meta-analysis of the effects of classroom management strategies and classroom programs on student's academic, behavioral, emotional, and motivational outcomes. In: *Review of Educational Research*, v. 20, n 10, jan., 2016, p. 1-38. Disponível em: <<http://rer.aera.net>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MORICONI, G.; BÉLANGER, J. *Student behaviour and use of class time in Brazil, Chile and Mexico: evidence from TALIS 2013*. OECD, 2015. Disponível em: <http://www.oecd-ilibrary.org/education/student-behaviour-and-use-of-class-time-in-brazil-chile-and-mexico_5js6bhlchwmt-en>. Acesso em 30 jun. 2016.

NASEY, Charlotte. *Teachers' use of classroom-based management strategies: a survey of New Zealand teachers*. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Massey University, Albany. 2012.

SILVA, Rafael Rodrigues da. Disciplina escolar e gestão de sala de aula no campo educacional brasileiro. In: *Revista Educação & Realidade*, v. 41, n. 2, abr./jun., 2016, p. 533-554. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/2016nahead/2175-6236-edreal-46473.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2016.

SOARES, Ademilson de Souza. A Autoridade do professor e a função da escola. In: *Revista Educação & Realidade*, v. 37, n. 3, set./dez., 2012, p. 841-861. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/08.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

SOARES, José Francisco. O Efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. In: *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, v. 2, n. 2, 2004, p. 83-104. Disponível em: <<http://www.ice.deusto.es/RINACE/reice/vol2n2/Soares.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2016.

SOARES, José Francisco. Melhorias do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, jan./abr., 2007, p. 135-160. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000100007>. Acesso em 21 jun. 2016.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. *Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes*. Porto Alegre: AMGH, 2015.

Data de Recebimento: 02/09/2016 | Data de Aprovação: 08/09/2016